

Caso Zé Oliveira: Quando a gagueira se torna apelo cômico no rádio¹

Mácio Paulo Amaral de Lima Júnior²
Universidade Federal de Alagoas, Ufal

RESUMO

O rádio é um meio de comunicação que se utiliza da voz do locutor como elemento essencial para preencher grande parte do conteúdo veiculado. César (2009) aponta ser necessário que esse profissional cumpra determinado padrão de fala para oferecer um papel coerente com a linguagem do meio. O radialista gago Zé Oliveira conseguiu manter seu espaço no rádio mesmo na contramão desse padrão. Em seu quadro, são notáveis artifícios humorísticos que enquadram a gagueira como uma característica engraçada, provocando o riso e entretendo o ouvinte. O artigo analisa como se dá essa construção e seus efeitos a partir de apontamentos sobre padrão de fala (FRIEDMAN; 1986, 1994, 2012), tipos de riso (BERGSON, 1986); (PROPP, 1992), humor grotesco (SODRÉ E PAIVA; 2002) e nas reflexões de Lima Júnior (2020) sobre o caso.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Gagueira; Riso; Linguagem; Grotesco.

Há mais de 20 anos, o radialista Zé Oliveira desempenha um papel importante para contribuir com a audiência do programa “Show de Notícias”, da Rádio 96 FM Arapiraca, no agreste alagoano. Apesar de uma concorrida disputa matinal, o nome do radialista já se tornou uma figura conhecida e garante um público fiel nesse que é o segundo maior município do estado, com mais de 200 mil habitantes. Zé faz parte dos 5% da população brasileira³ que sofre de disfemia, o transtorno da fala popularmente conhecido como gagueira, cujas causas ainda são objeto de discussão e estudo na fonoaudiologia, mas que apresenta sintomas visíveis: repetição silábica, longas pausas, dificuldade motora em associar respiração e fala, além de tiques pelo corpo. Para além da descrição motora e técnica do transtorno, esse indivíduo gago precisa lidar, cotidianamente, com situações que o afetam de maneira negativa em âmbito social e psicológico, influenciando diretamente em sua subjetividade, na forma com que ele enxerga e se apresenta ao mundo.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduado do curso de Jornalismo da Ufal, e-mail: maciopaulo1@gmail.com

³ Dados do Instituto Brasileiro de Fluência

Gagueira: representação midiática e efeitos do transtorno no cotidiano do indivíduo

De acordo com Friedman (1986, 1994, 2002), a sociedade está condicionada a uma dita “ideologia do bem falar”, ou seja, para ser bem visto socialmente o indivíduo deve falar segundo o que se compreende por corretamente – uma fala com a dicção e pronúncia perfeitas, num bom tom e sem falhas ou interrupções. Aqueles que, por alguma razão fogem desse padrão são vistos como maus falantes pelos outros e por si próprios, o que interfere diretamente na maneira com que a mensagem emitida por eles é recebida pelo interlocutor. Por ainda haver muito desconhecimento sobre a gagueira, suas causas e consequências na vida do indivíduo que dela sofre, o que prevalece é uma visão errônea, que associa o gago com nervosismo, ansiedade e até burrice. Essa visão também faz com que o interlocutor exerça um papel de corretor sobre a fala gaga, utilizando frases como “Fale devagar”, “Fale com calma”, “Respire para falar” ou “Pense antes de falar”, e também faz com que o gago seja alvo de piadas e imitações pela sua maneira de falar. Logo, esse sujeito passa conviver com uma constante tensão e pressão em torno de qualquer momento que envolva a fala, ou seja, quase o tempo inteiro. Isso faz com que ele passe a ter certa predisposição a evitar a fala, pois assim há uma menor probabilidade de ele ser corrigido, humilhado ou enfrentar situações desconfortáveis.

Esse silêncio acaba se tornando um refúgio do sujeito, que é impedido de sustentar outro discurso, pois, ao não dizer nada, o sujeito expõe seu receio diante da fala e demonstra o impacto do transtorno na sua qualidade de vida. Nesse espaço discursivo, o dizer é interditado e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade ou possibilidade de se imperar uma fala que não seja a dita “correta” e dentro dos padrões do “bem falar”.

Mas dentre as diversas “limitações significativas na habilidade dos indivíduos gogos em participar de atividades do dia a dia, tendo um efeito negativo na qualidade de vida geral”⁴. (ANDRADE, 2008), uma das mais efetivas é a associação e interpretação da fala gaga como uma característica engraçada, artifício bastante presente nas representações do gago nos meios de comunicação.

⁴ Andrade (2008) realizou uma pesquisa com 40 indivíduos adultos – 20 gogos e 20 não gogos, com o objetivo de conhecer e comparar as duas vivências de fala (gaga e não gaga), no que diz respeito às reações afetivas, comportamentais e cognitivas e entender as distinções e impactos deste sobre a qualidade de vida de indivíduos fluentes e com gagueira persistente do desenvolvimento.

Nas telenovelas, por exemplo, é quase uma obrigação que o personagem seja inserido como um alívio cômico, esvaindo outros aspectos de sua narrativa. Uma matéria publicada pelo portal Televisão, da UOL, destaca personagens gogos da televisão brasileira. Entre os citados, estão: O “Quiquiqui” da novela “Cordel Encantando” (2011), cujo nome já é uma própria referência à repetição, um dos principais sintomas da gagueira, o Tônico de “A Próxima Vítima” (1995), feirante que, segundo a descrição do portal, “gritava aos clientes seus produtos e arrancava muitos risos”, além do Tônico Madeira, de “Bebê a bordo (1988), descrito como um “hilário personagem que se atrapalhava todo para conversar”.

Além das telenovelas, o cinema também parece ser uma plataforma onde permeiam-se os estereótipos em relação ao sujeito gogo. Lessa (2017) apud Lima Júnior (2020) cita o filme *Um Peixe Chamado Wanda*, de 1988, dirigido por John Cleese e Charles Crichton. A obra conta com três personagens, Wanda, Otto e Ken, um trio de ladrões. Ken é gogo, e, desde o início da película, ele é construído como tímido, desajeitado e inexperiente.

Ao longo da narrativa, o personagem é sempre interrompido devido a ímpetos de impaciência dos outros, o que reforça o estigma de interrupção da fala da gaga e a ideia de que esse sujeito interlocutor é incapaz de se comunicar sem gerar desconforto, ansiedade ou uma situação cômica junto ao receptor da mensagem. Também é transmitida a ideia de que a gagueira está ligada a sentimentos negativos e baixa autoestima, uma vez que Ken, ao conseguir se vingar de Otto, para de gaguejar. A proposta que fica é que, caso o gogo atinja algum objetivo almejado, esse sentimento o libertará da gagueira – o transtorno que o atrasa e o impede de concretizar sua jornada.

Esse tipo de concepção, exposta nas telas do cinema, advém de um pressuposto obsoleto de que aqueles que gaguejam desde a infância, fazem isso por consequência de escolha à falta de confiança em si mesmo, à falta de amor próprio e à timidez. É por isso que, dentro desse tipo de diegese, quando o personagem consegue atingir os seus objetivos e tomar partido da sua vida, ele para de gaguejar, tomando esse tipo de disfluência apenas como um fator não mais pertencente à nova individualidade firme e segura do personagem. (LESSA, 2017, p.4)

São notáveis, portanto, os processos de tratamento do gogo que permeiam diversas mídias, que continuamente enquadram o indivíduo gogo num espectro negativo em diversas esferas de sua personalidade e postura diante da sociedade. Essas representações,

heterogêneas na forma, mas homogêneas ao traduzir o que significa ser gago, acabam se perpetuando ao longo dos anos e contribuindo com a construção da figura caricata em torno dele. Friedman (2012) chama atenção para essa necessidade da mídia ser uma aliada no aprofundamento consciente, ético e científico sobre as questões relacionadas à gagueira. Segundo a autora, é necessário abrir espaço na mídia para difusão de conhecimentos científicos sobre a fala e linguagem, que permitam criar novas posturas e possibilidades no que norteia a ideia de padrão de fala e gagueira.

“O repórter esportivo que não tem ga-ga-gagueira”

Assim como os casos anteriores, o radialista Zé Oliveira, desde sua primeira aparição pública na Rádio 96 FM Arapiraca, tem sua gagueira associada ao humor:

Se alguém perguntar quem é José de Oliveira Santos, certamente pouca gente saberá dizer quem é. Agora se essa mesma pessoa perguntar quem é Zé Oliveira, a maioria deverá associar o nome ao comentarista esportivo mais carismático do rádio arapiraquense. Ele tem 53 anos, é casado e pai de um filho. Gago de nascença, os comentários esportivos de Zé Oliveira já se tornaram uma atração nas manhãs do rádio arapiraquense. (MINUTO ARAPIRACA, 2012, ON-LINE)

No trecho dessa matéria que conta a história do radialista, é possível notar a construção da imagem feita em cima da pessoa Zé Oliveira, associando-o a uma posição de “carisma” e “atração”. De acordo com o texto, a participação do Zé ocorreu de forma espontânea, quando foi convidado por um radialista do veículo para comentar um jogo de futebol da Agremiação Sportiva Arapiraquense (ASA), o “Asa de Arapiraca”, um dos principais do estado e que levou o nome da cidade por todo o país.

Uma fala é atribuída ao Zé na matéria, que conta que “as palavras praticamente não saíram de minha boca. Fiquei vermelho, verde, amarelo, enfim, foi terrível”. Tal descrição reflete o peso emocional e psicológico que um gago sofre ao ser colocado sobre uma situação de pressão. O texto diz que “o momento constrangedor também foi engraçado”, e conta que após o ocorrido, diversos ouvintes gostaram e no dia seguinte começaram a ligar pedindo que os comentários do ASA fossem feitos pelo repórter gago. E assim ficou até os dias atuais.

Balsebre (1994) aponta que as palavras, as músicas, os efeitos sonoros e o silêncio são os componentes da linguagem radiofônica, que é de natureza paralinguística. Estes

elementos possuem características próprias que, combinadas entre si, resultam no entendimento final da mensagem, agindo no inconsciente do ouvinte, ao passo que a voz do locutor atua no consciente.

A presença do Zé Oliveira – o radialista gago -, é um tanto curiosa por si só, visto que por mais mudanças e adaptações que o meio tenha sofrido ao longo dos anos, a presença de um padrão de fala permanece como a principal característica. De acordo com César (2009), esse determinado padrão na voz e na fala precisa ser adotado para dar credibilidade à informação e mensagem transmitida. O autor destaca os principais erros que locutores de rádio podem cometer, e Zé Oliveira, seguindo esse percurso teórico e as categorias elencadas pelo autor, comete diversos deles. Ao analisar o corpus⁵, é perceptível que, para os padrões do rádio, o radialista gago apresenta uma locução lenta, tensa, entrecortada, sem clareza, com vícios, muito presa ao papel, codificada, gutural, sem pontuação, cadenciada e sem projeção e ressonância, sintomas esses que são consequência da gagueira. A tensão geral e tensão muscular na fala citada por César (2009) como um fator que atrapalha a locução radiofônica, é uma das principais características da gagueira.

A representação da gagueira como uma característica engraçada é notável também nos trechos diários de abertura e encerramento do quadro do radialista, no programa “Show de Notícias”:

Quadro 1 - Decupagem da abertura do quadro do Zé Oliveira

Tempo	Narração	Conteúdo
0:01 – 0:04:	Voz masculina acompanhada de um jingle de suspense	“Vem aí mais um vice-campeão de audiência...”
0:05	Voz masculina em tom brincalhão	“Hã?”
0:06 – 0:08	Voz masculina acompanhada de um jingle brincalhão e risadas	“No ar...”
0:11	Apenas som	Som de arrote e pum
0:11	Voz masculina enfática	“Zé Oliveira!”
0:13 - 11	Voz infantil	“Só-só-só um sotaquezinho, né?”

⁵ O corpus consistiu na decupagem de três dias do quadro do radialista Zé Oliveira no programa Show de Notícias, nos dias 18, 20 e 21 de novembro de 2019, totalizando 44 minutos e 22 segundos de quadro. A análise teve o objetivo de encontrar associações humorísticas com a gagueira para entender de que forma essa construção se dá durante o quadro.

0:12 – 0:22	Mulher cantando com instrumental de fundo	“Ele é o cara / vai direto ao assunto / não fala besteira, ele não tem gagueira / esporte amador pelo Brasil a fora é com Zé Oliveira!”
0:23	Voz masculina	“Fala, Zé!”
0:23 – 0:25	Voz masculina	“Zé O-li-vei-raaaa!”

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Quadro 2 - Decupagem de conteúdo do encerramento do quadro do Zé Oliveira

Tempo	Narração	Conteúdo
0:01 – 0:02	Voz feminina	“Zé... Oliveeeeira!”
0:02 – 0:06	Voz masculina em tom afeminado e de flerte	“Um rapaz alto, louro, forte, um metro e noventa, membrudo”
0:06 – 0:07	Apenas som	Pessoas vaiando
0:07 – 0:10	Várias vozes femininas	“O repórter esportivo que não tem ga-ga-ga-gueeeeira!”

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Nos dois trechos, que totalizam 35 segundos, é possível encontrar diversas associações da gagueira com humor e riso. Na abertura, há quatro menções à gagueira do radialista com o tom humorístico, são elas: “Rejeitado por todas as outras rádios”, “Só-só-só um sotaquezinho, né?”, “Vai direto ao assunto”, “Ele não tem gagueira”. Os trechos se baseiam na ironia, sarcasmo e zombaria da fala gaga, constituindo um humor pautado nesses traços.

Bergson (1986) e Propp (1992) discorrem sobre alguns conceitos pertinentes ao trabalho, quando corroboram que o humor pode ser utilizado como forma de entretenimento a partir da exposição do objeto do riso – nesse caso, o sujeito – a situações de zombaria. O primeiro aponta que o riso exerce um papel de corretor social, pois a sociedade traz algumas exigências para se viver nela. Entende-se que são esperadas determinadas práticas e comportamentos dos indivíduos. Assim, há uma comunhão entre um número de homens, a partir de um grupo social, que castigam aqueles “inadaptáveis” à sociedade por meio do riso. Dessa forma, o riso exerce uma função de correção social, logo, ao rir do locutor gago, o ouvinte, implicitamente, externa o que ele entende por padrão de fala.

Outo ponto relevante sustentado por Bergson (1986) é que, quando rimos de algo, precisamos deixar de lado a sensibilidade e a emoção através do não compadecimento com o objeto do riso. Assim, o riso exige essa anestesia momentânea carregada de insensibilidade, uma vez que sentimentos como empatia e piedade seriam um empecilho para o riso.

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. (BERGSON, 1983, p. 7)

Isso não significa que não seja possível rir de alguém pelo qual nutrimos certo carinho e ligação afetiva, basta deixar esse sentimentalismo de lado para aproveitar o riso sobre o outro numa determinada situação. Se o indivíduo incorporar esse papel distante e não-sentimental, ele será capaz de rir em diversas situações cotidianas. Essa empatia pelo sofrimento e adversidades que o sujeito gago atravessa devido às dificuldades advindas do transtorno não é transmitida ou abordada no caso do Zé Oliveira, tampouco noutros casos de representação do gago na mídia, o que possibilita o riso.

Já Propp (1992) diz que o sentido da comicidade está associado, entre outros, ao descobrimento de defeitos no mundo. Assim, o riso, para ele, tem ligação com os diferentes tipos de relações humanas e com a forma com que tratamos e julgamos os outros, e surge quando existe algo que contradiz o que é “certo”. O inesperado e o desvio do ciclo natural das coisas causam o riso. No caso Zé Oliveira, não se espera um radialista gago, pois a construção em torno do rádio se deu, culturalmente, para que o ouvinte espere um determinado padrão de locutor. Nesse percurso teórico, o filósofo define o riso em dois tipos: o riso com zombaria e o riso sem zombaria, sendo o primeiro aquele em que o indivíduo parte do princípio de que não possui os defeitos do outro após uma comparação involuntária.

Ao dizer que o radialista foi “rejeitado por todas as outras rádios”, a chamada para o quadro deixa implícito que uma pessoa gaga não é adequada para ocupar um espaço como locutor de rádio, pois a fala gaga não é o que se espera nesse meio de comunicação, o que levou o radialista a ser “rejeitado” em todas as outras. Esse recorte, que dialoga com o riso de zombaria especialmente no termo “rejeitado”, reforça a exclusão que o gago sofre no convívio social e é ainda mais acentuada no Rádio, espaço de atuação no qual o padrão de fala é essencial para a estrutura do meio.

“Só-só-só um sotaquezinho” é um exemplo de como a imitação é utilizada para fazer chacota da fala gaga, além de conter a ironia em comparar a gagueira, que é um transtorno extremamente prejudicial ao indivíduo, com o sotaque, uma maneira particular de alguém pronunciar certas palavras, ligada à região geográfica de origem ou vivência deste.

E na cantarola presente ao final do quadro sobre o radialista, encontramos mais dois exemplos de ironia: “Vai direto ao assunto” e “Ele não tem gagueira”. É sabido que a gagueira se dá por conta das repetições, bloqueios, pausas, interrupções e travamentos na fala do sujeito, o que prejudica a comunicação. Assim, afirmar que o radialista gago “vai direto ao assunto” é, também, uma maneira de construir o humor com base no transtorno, uma vez que devido a essa dificuldade, ele terá bastante dificuldade em explicar suas ideias e falar o que deseja.

Já quando o encerramento fala que repórter esportivo “não tem “ga-ga-ga-gueeeeeira”, com intenção de provocar um humor irônico, visto que é fato que o radialista é, sim, gago.

Tendo em vista esse apelo estético que o rádio provoca e traz para a vivência do ouvinte, não é difícil imaginar as razões que levam um grande público a acompanhar o Zé Oliveira. O papel dele nesse espaço é o de fazer rir, entreter, divertir. Por meio da gagueira, o radialista é um alívio cômico num longo programa com cerca de quatro horas, que se propõe a divulgar notícias com informações consideradas mais “pesadas”, como assuntos políticos e sobre segurança pública local. Assim, ele garante o “respiro” da programação. Isso é notável até pelo tempo em que ele é colocado no ar, cotidianamente por volta das 7h, precisamente na metade do programa. (LIMA JÚNIOR, 2020, p. 40)

Após a análise dos dias de quadro, foi observado que o humor sobre a gagueira do radialista ocorre, na maioria das vezes a partir de efeitos sonoros que dão o sentido cômico à gagueira, uma vez que o Rádio se baseia nessa associação com o imaginário do ouvinte. Em muitos casos, há uma associação com o humor grotesco (SODRÉ E PAIVA, 2002), uma categoria baseada numa estranheza ou numa estrutura fora de contexto que provoca o choque, surpresa, curiosidade, entre outras sensações, é muito utilizada para provocar o riso e angariar audiência nos meios de comunicação, especialmente nos programas de comunicação de massa. O grotesco é dividido em quatro tipos:

1. Escatológico: Baseado em referências a dejetos, fluidos do corpo, secreções, genitália humana, entre outros.

2. Teratológico: Referente a deformações físicas no homem, aberrações, animalismos e bestialismos.

3. Chocante: Presente nas duas anteriores, pode ter caráter sensacionalista e busca provocar um choque contemplativo.

4. Crítico: Expõe de modo risível a ideia por trás do objeto, e se pretende alcançar o interlocutor para além do sensorial.

A fácil possibilidade de assimilação, identificação e decodificação da mensagem lançada costuma funcionar industrialmente, além de gerar a disputa pela audiência, porque “Tudo o que prende e atrai o olhar, seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita, tem potencial para ser notícia” (AMARAL, 2006, p. 5).

Quadro 3 – Fragmentos do quadro do programa de 18/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
“Grande Arerê-Arerê-Arerê-Arerê-Arerê-Aremilton!”	Gagueira (repetição silábica) acompanhada de efeitos sonoros de riso	Riso de zombaria
“Abraço aí pro meu amigo caminhoneiro Rei-rei-rei-rei-rei-rei-re-re-rei-re-re-Ele parece que namora há incompreensível-rei-re-rei-rei-reiiiizinho”	Gagueira (repetição silábica e fala incompreensível) acompanhada de uma buzina de fundo com alguém gritando “Diga!”	Humor sobre a gagueira. Pressão para o disfluente falar logo
“Pelo menos saiu, graças a deus”	Menção do Zé Oliveira à gagueira	Riso de si próprio
“Abraço a Dona Quitéria lá no tradicional cachorro-quente, de pão francês com quitute, é-é-é-é-é-é...”	Efeito sonoro: Uma buzina de fundo e alguém grita “Diga!”	Humor sobre a gagueira. Pressão para o disfluente falar logo
“Pa-pa-pa-paraná zero”.	Efeito sonoro de uma paulada	Humor sobre a onomatopeia que a gagueira do radialista provoca
“Cu-cu-cu-cuia bá também zero.”	Efeito Sonoro: “Uêpa!”	Humor grotesco sobre o termo pejorativo que a gagueira do radialista provoca ao formar a palavra “Cuiabá”. Humor grotesco escatológico.

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Quadro 4 – Fragmentos do quadro do programa de 20/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
“Assistência técnica e-e-em-em-ar-condicionado [...]”	Efeito sonoro: Bora, bora, bora, ligeiro!	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
Ouvinte: Você gagueja demais, homi! Sinceramente, homi!	Crítica do ouvinte à gagueira do radialista	Humor de zombaria e correção à fala disfluyente
“[...] torcedores do Flamengo vem com-com-com-com vem com-com	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
“[...] Vem convocando pelas redes sociais os mais a-pa-pa a-pa-pa a-pa”	Efeito sonoro: Homem falando “Vixe, maria!”	Humor causado pela expressão de frustração promovida pelo efeito sonoro em apontamento à gagueira do radialista
“É a Cuma-Cuma-Cuma-com-com-acompanhando até o [...]”	Efeito sonoro: Homem falando “Vixe, maria!”	Humor causado pela expressão de frustração promovida pelo efeito sonoro em apontamento à gagueira do radialista
“Até o aero-ro-aero-ro-aero-ro aeroporto do [...]”	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
“A primeira aglu-glu-glu aglu-glu-glu a-glu-glu aglua glua glua glua glu [...]”	Efeito sonoro: Homem imitando um peru e fazendo “glugluglu!”	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“Aglome-me-me-me Aglomeração”	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
“É-é-é-é é se iniciará”	Efeito sonoro: Sons de corvos e galos cacarejando	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à

		onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“Leilão, e-e-e Sandro Olívio e-e-e-e Banda”.	Efeito sonoro: Sons de corvos	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“[...] com o telefone é-é-é-é-é três cinco dois dois dez vinte ou então nove nove quatro oito sete sete zero cinco”.	Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes	Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Quadro 5 – Fragmentos do programa de 21/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
Pois é, o Sport tá de volta ali do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu....	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!” Efeito sonoro: Criança falando “otário”	Humor de zombaria sobre a fala gaga e pressão para o sujeito gago concluir sua fala
“O re-re, o re-re, o resultado garantiu, mateticamente, o acesso da equipe pernambuca a-a-a-a-a série A, o ru-ru-ru-ru-rubro [...]”	Efeito sonoro: Pessoas se lamentando	Humor baseado na frustração que o ouvinte tem ao se deparar com a fala gaga
“[...] chegando a sessenta e sete pontos de cla-cla de classificação os pe-pe-, os pe-pe, os pe-pe...”	Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes	Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista
“[...] Au-au-au-au”	Efeito sonoro: Cachorro latindo	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista

<p>“Abraço aí a Dona Maura, lá no sítio cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, Caititus”.</p>	<p>Efeito sonoro: Criança falando “otário” Zé Oliveira: É você, triste! (em menção ao efeito)</p>	<p>Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista Resposta do radialista à correção do efeito sonoro sobre sua fala</p>
<p>“[...] número quatrocentos e catorze aqui em Arara, em Arara, em Arapiraca”.</p>	<p>Efeito sonoro: Sons de corvos</p>	<p>Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista</p>

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Na análise, é possível encontrar diversos trechos que associam a gagueira com os sons de animais. Isso ocorre principalmente nos casos de repetição silábica. Foram coletados registros de associações da gagueira a animais como cachorros, galos, corvos e cabras, além da associação da sílaba “pa” à onomatopeia de uma paulada, trechos que dialogam com o humor grotesco.

Com relação ao humor sobre os sintomas da gagueira do radialista, outra abordagem comum encontrada durante a análise foram as formas de apressar o sujeito gago. Assim como essa pressão para a fala do gago ser exposta logo, alguns efeitos colocados durante os trechos de gagueira do radialista tecem uma crítica direta a ele, como o chamam de “otário”, na voz de uma criança, o que reitera o tom humorístico, ou há expressões do tipo “Vixe, maria!”, “Diga!”, “Bora, bora, ligeiro!” e efeitos de pessoas fazendo um som de frustração quando Zé gagueja. Expressões como essas também são comumente ouvidas pelo indivíduo gago e mostram um possível incômodo que o interlocutor tem quando se comunica com o gago, e que contribui para a sua imagem de “mau falante”. A presença desse humor com o radialista fora do padrão do rádio encontra justificava na tese de Pessoa (2010).⁶

Ela concluiu que o hábito de escutar o rádio está ligado à necessidade de buscar um certo aspecto de “ânimo”, “descontração” e “contentamento” através desse meio de comunicação, visto que a escuta radiofônica é responsável por modificar os sentimentos

⁶ A autora realizou uma pesquisa com 15 ouvintes assíduos de rádio, com o objetivo de refletir sobre as questões envolvidas na escuta radiofônica a partir da percepção destes, dialogando com aspectos da relação rádio e ouvinte nas dimensões afetiva, social, criativa e existencial da informação radiofônica.

e contribuir com a melhoria do humor das pessoas durante o dia, superando tristezas e emoções negativas.

[...] durante a escuta radiofônica, ouvintes têm contato com conteúdos e experimentam emoções. Muitas das vezes, sentem-se tocados pela programação transmitida. E, nesse sentido, demonstram optar por programas que proporcionem o bom humor e evitam o que consideram estressante, ruim. Isto é, não recebem conteúdos passivamente e, assim, são afetados. Demonstram fazer escolhas e, a partir de suas intenções, sintonizam programas de acordo com o estado de espírito que querem alcançar ou manter. Esse aspecto emotivo aparece como um dos traços característicos da relação rádio/ouvinte e foi observado em outras pesquisas. (PESSOA, 2010, p. 42)

Lima Júnior (2020) aponta que, uma vez compreendidas as razões dessa construção, a presença do radialista gago é justificada, visto que a população de forma abrangente já enxerga, culturalmente e historicamente, a gagueira como um objeto de humor e riso. Assim, o veículo de rádio arapiraquense, enquanto meio de comunicação popular, segue o mesmo discurso para dialogar com seu público.

Considerações Finais

O trabalho concluiu que a participação de Zé Oliveira no programa Show de Notícias, da rádio 96 FM Arapiraca, traz consigo diversos aspectos cômicos aliando gagueira e humor, como os efeitos sonoros, uma das características radiofônicas, são utilizados para reforçar a abordagem cômica da gagueira e, daí, provocar o riso no ouvinte. Entre os artifícios humorísticos observados estão o humor grotesco, o riso de zombaria e o riso sobre a gagueira, com efeitos que ressaltam a frustração do interlocutor e do próprio sujeito gago com a sua forma de falar. Para o rádio, um meio já marcado por uma estrutura própria de oralidade e locução, a gagueira do radialista é curiosa, chama atenção, desperta o controverso e gera um sentimento de diversão e vínculo com a audiência.

Essa estrutura faz com que o Zé Oliveira tenha se tornado um personagem destaque dentre o quadro de locutores da região, pois ele é uma figura única para estar inserida nesse espaço. Assim, o artigo nota uma justificativa para a presença do radialista gago, o entretenimento. A rádio 96 FM Arapiraca acaba ignorando um ideal papel social da comunicação para uma possível conscientização sobre o transtorno, visto que grande parte do sofrimento e dificuldades vivenciadas pelo sujeito gago tem a ver com a resposta de outras pessoas (sociedade) à gagueira, que aqui são tratados de forma rasa e cômica, o

que interfere na visão social sobre o transtorno. Tal tratamento não é novidade nos meios de comunicação, uma vez que são diversos os exemplos de abordagem semelhante na televisão, portais de notícia e no próprio rádio.

Tendo em vista as relações entre meios de comunicação, gagueira, humor, e as problemáticas sobre os discursos explicitados, o diagnóstico é de que o veículo auxilia na perpetuação de uma imagem caricata do gago, ao apresentar o transtorno como piada e não utilizar seu alcance para modificar esse imaginário público. Segundo Bergson (1986), o riso tem a ver com uma certa insensibilidade perante o sofrimento do outro, e a promoção da empatia sobre as adversidades que o gago atravessa não é comum nos meios de comunicação. Pelo contrário, eles costumam atuar como perpetuadores desse tratamento cômico, fomentando a maneira rasa com que o transtorno é apresentado e utilizando formas de humor e riso sobre o sujeito.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 6 a 9 set. 2006.

ANDRADE, Claudia Regina Furquim de et al. **Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente.** Pró-Fono R. Atual. Cient., Barueri, v. 20, n. 4, p. 219-224, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 de out. 2020.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofonico.** Madri: Cátedra, 1994.

BERGSON, Henri. **O Riso “Ensaio sobre a significação do cômico”.** Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1983.

CÉSAR, CYRO. **Como falar no rádio: Prática de Locução AM e FM.** São Paulo: Summus, 2009.

FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira e subjetividade.** Distúrbios da Comunicação, [S.l.], v. 10, n. 1, set. 2012. ISSN 2176-2724. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11542/23719>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

_____. **Gagueira: origem e tratamento.** São Paulo: Summus, 1986.

_____. **A construção do personagem bom falante.** São Paulo: Summus, 1994.
Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira.

LESSA, Bernardo. **Problemáticas Representações da Gagueira no Cinema.** In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017, Fortaleza. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0869-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020

LIMA JÚNIOR, Mácio Paulo Amaral de; PADILHA, Isabella Maria Cavalcante. **O Humor Grotesco Presente Nos Vídeos de “Pegadinhas” no YouTube.** In: XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1146-2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

_____. **“SÓ-SÓ-SÓ UM SOTAQUEZINHO, NÉ?”: ANÁLISE DO CASO ZÉ OLIVEIRA E REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA GAGUEIRA.** 2020. 107 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

MINUTO ARAPIRACA. **Zé Oliveira: o gago mais simpático do rádio arapiraquense.** Disponível em: <https://minutoarapiraca.cadaminuto.com.br/noticia/9193/2012/12/24/ze-oliveira-o-gago-mais-simpatico-do-radio-arapiraquense#>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

PESSOA, Marina Torres. **A relação entre ouvintes assíduos e o rádio: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva.** 95f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2010

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso.** São Paulo: Ática, 1992.

TELEVISÃO UOL. **Gagos da TV Brasileira.** Disponível em: http://televisao.uol.com.br/album/gagos-da-tv-brasileira_album.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 6 out. 2020.